

Materiais didáticos para o ensino de guitarra elétrica em escolas livres de música

Comunicação

Gabriel Lira Caneca
Universidade de Brasília
gabriel.lira.caneca@gmail.com

Resumo: Esta comunicação trata da escolha e do uso de materiais didáticos no ensino de guitarra elétrica em escolas livres de música. Nestas instituições, o aluno costuma ter maior liberdade de escolha de repertório e de nível de comprometimento, queira ele se tornar profissional ou esteja apenas estudando por *hobby*. Para auxiliar o aluno a conquistar seus objetivos, muitas vezes o professor necessita recorrer a diferentes materiais pedagógicos, nem sempre disponíveis no mercado. Para conhecer quais são os materiais e recursos que professores têm utilizado em suas aulas e como selecionam e adaptam tais materiais às suas práticas pedagógicas, foram realizadas entrevistas com três professores de guitarra de escolas livres de música do Distrito Federal. Os resultados demonstraram que existe uma ampla pluralidade na utilização de materiais didáticos, podendo replicar o jeito, os conteúdos e os materiais com os quais aprenderam a tocar, como também, criar novas formas de ensinar, motivadas pelas experiências com seus alunos. Os materiais didáticos são selecionados de acordo com o julgamento do professor sobre de que forma o aluno assimilará mais facilmente os conteúdos a serem trabalhados.

Palavras-chave: escolas livres, guitarra elétrica, materiais didáticos

Introdução

Os primeiros métodos físicos voltados para o ensino de guitarra elétrica que se tem registro datam da década de 1960 e foram desenvolvidos pela *Berklee College of Music*, em Boston, nos Estados Unidos, que criou o primeiro curso do instrumento com currículo e proposta formal (GARCIA, 2011b, p. 18). Esses métodos influenciaram e ainda influenciam instituições de ensino formais ao redor do mundo e colaboram para uma perpetuação da prática do *jazz* nestas instituições “como se fosse a melhor maneira de se obter um desenvolvimento gradual,

elevando seu nível de dificuldade e profundidade no entendimento do instrumento” (GARCIA, 2011b, p. 51). Entretanto, na década de 1970 esses métodos ainda não haviam se popularizado no Brasil e muitos professores de guitarra adaptavam métodos de violão para utilizar em suas aulas (MÓDOLO; FIGUEIREDO, 2013, p. 991).

Segundo Rocha (2011, p. 37-38), na década de 1980, o *rock* se tornou espaço de demonstração de virtuosismo com o estilo *shred*¹ de tocar guitarra. Dessa forma, o *rock* instrumental se popularizou, tendo como grandes expoentes guitarristas como *Yngwie Malmsteen*, *Joe Satriani* e *Steve Vai*. Também nessa década foi fundado o canal televisivo MTV², responsável por uma superexposição da população ao instrumento. Era comum na programação da emissora vídeos de performances de estrelas do pop acompanhadas por guitarristas virtuosos, como ocorre na música *Beat It* do cantor *Michael Jackson* que tem um solo de guitarra *shred* de *Eddie Van Halen*, da banda *Van Halen*. Dessa forma, a figura do guitarrista se torna um modelo, principalmente para a população mais jovem, que passa a procurar os guitarristas de destaque no bairro, interessados em aprender as técnicas de seus ídolos e ancorados no senso comum de que quem sabe fazer sabe ensinar (GARCIA, 2011a). O guitarrista passou então a enxergar nesse interesse da comunidade uma possibilidade de aumentar sua renda, mesmo que o seu foco continuasse na sua própria formação musical e não na pedagógica.

A crescente procura por aulas de guitarra particulares atraiu o olhar de empresários que passaram a contratar os guitarristas que se destacavam no cenário local para dar aulas em suas escolas e atrair alunos. Desse modo, utilizavam-se do status social desses músicos em troca de uma maior garantia de estabilidade financeira para seus contratados. Isso levou a popularização das escolas livres de música, instituições não regulamentadas pelos órgãos vigentes da educação e que não exigem formação docente dos seus contratados (GARCIA, 2011a, p. 4).

As escolas livres de música se caracterizam por possuir cronograma flexível e práticas de ensino personalizadas para melhor se adequarem às ambições do aluno. Para Requião (2001, p. 107), a liberdade de escolha do aluno sobre o repertório e

¹ *Rasgar*, de significado semelhante ao *fritar*, utilizado popularmente para descrever o alto nível de agilidade de algum músico.

² Emissora televisiva estadunidense fundada em 1982 voltada à música *pop*.

estilo a ser trabalhado colabora para a consolidação do ensino nessas instituições. O autor ainda aponta como fatores relevantes para que alguns alunos optem por frequentar essas escolas, ao invés de procurar instituições de ensino formal, a maior abrangência de ensino de instrumentos presentes na música popular, como é o caso da guitarra elétrica, e a possibilidade de adaptar o ensino aos interesses reais do estudante, sejam eles profissionais ou apenas de *hobby*.

As instituições de ensino formal ainda perpetuam a visão do ensino de *jazz* como sendo o caminho mais adequado para uma formação completa do guitarrista, como aponta Paixão (2016, p. 10). Entretanto, os estudantes de guitarra entrevistados por Paixão têm ressalvas ao ensino exclusivo do estilo e como isso reverbera em suas formações:

Quando vão improvisar em outros estilos musicais fora o que era mais abordado na aula de guitarra, os três guitarristas concordam que os conhecimentos aprendidos na escola não são suficientes ou os mais adequados para uma boa execução de outros estilos musicais, pois usar um vocabulário jazzístico pode descaracterizar esses outros gêneros, ou pelo fato de não terem tanto contato com outro tipo de vocabulário musical. (PAIXÃO, 2016, p. 28).

Portanto, não é raro estudantes de guitarra elétrica transitarem entre ambientes formais de ensino e escolas livres de música para preencher lacunas em sua formação musical que não puderam ser preenchidas pelo estudo em apenas um dos tipos de instituições. Porém, é importante ressaltar que os materiais didáticos nas instituições de ensino formal já estão melhores estabelecidos do que os utilizados em escolas livres, pois como já relatado anteriormente, os métodos voltados para o ensino de *jazz* no instrumento datam da década de 1960. Em meio a este cenário que ambienta as práticas docentes nas escolas livres, surgiram os seguintes questionamentos para se compreender melhor o processo de aprendizagem nestes estabelecimentos: quais são os materiais didáticos que os professores de guitarra elétrica de escolas livres de música utilizam em suas aulas? Como os educadores selecionam e adaptam tais materiais às suas práticas pedagógicas?

Metodologia

Para obter as respostas para as questões de pesquisa que motivaram a realização deste trabalho, foram selecionadas três escolas livres de música do Distrito Federal onde foi entrevistado um professor de guitarra elétrica em cada. Além disso, os professores selecionados para entrevista deveriam ter nas aulas a sua principal fonte de renda, a fim de aumentar a possibilidade de obtenção de respostas mais condizentes com a realidade do ensino do instrumento de forma geral.

Os entrevistados foram submetidos a entrevistas semiestruturadas e estruturadas (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 187), as quais foram registradas por meio de um gravador para posterior transcrição. Após a transcrição, os dados obtidos foram organizados em cadernos de entrevistas e submetidos à análise qualitativa (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 70) para compreensão dos resultados obtidos. Para preservar as identidades dos entrevistados seus nomes foram omitidos, bem como seus locais de trabalho.

Resultados

Os entrevistados

O Entrevistado A atua como professor em escolas livres de música há 2 anos, mas antes disso já tinha experiência com aulas particulares. Não possui formação acadêmica em música. Ele alegou ter aprendido a tocar na igreja e ter feito aulas de guitarra em uma escola livre de música de Brasília. Posteriormente, ingressou em uma instituição de ensino formal de música, onde direcionou seus estudos para o *jazz*. Atualmente, divide sua carreira como professor de guitarra e *performer* em grupos de música *gospel*.

O Entrevistado B trabalha em escolas livres há 6 anos, mas já tem experiência como professor particular há 10. Não possui formação acadêmica em música. Teve um início autodidata no instrumento, mas depois teve aula com uma professora particular. Coursou guitarra em escolas livres de música. Além de

trabalhar como professor, o Entrevistado B também integra grupos de sertanejo e forró.

O Entrevistado C atua como professor de guitarra elétrica há 16 anos e hoje tem sua própria escola. Não possui formação acadêmica em música. Ele aprendeu a tocar em escolas livres de música e tem grande reconhecimento em todo Distrito Federal. Atualmente, divide seu tempo entre dar aulas em sua escola, investir em sua carreira solo de música instrumental e tocar em bandas de baile.

Os entrevistados relataram que suas práticas pedagógicas foram moldadas por meio de um processo de tentativas e erros, pois “querendo ou não você vai se perguntando e começa a ter que experimentar algumas coisas para ver se dá certo” (Entrevistado B). Essas experiências com seus alunos são comparadas com a forma que os próprios professores aprenderam a tocar o instrumento e a partir disso são estabelecidos os pilares de suas estratégias de ensino.

A busca por informações dos entrevistados no que diz respeito a métodos e materiais didáticos foi motivada pela procura por um aperfeiçoamento de suas habilidades como instrumentistas e não como professores, como explicita o Entrevistado A: “Na verdade, eu pesquisei mais por eu querer estudar mesmo a forma como os caras tocam e o pensamento. Existe muita coisa!”. Até mesmo o entrevistado C admitiu que sua pesquisa para confecção das apostilas de sua escola se restringiu a métodos de leitura, sendo toda a parte técnica e teórica pautadas na sua vivência como professor.

Entretanto, apesar dos entrevistados não terem passado por cursos de licenciatura em música e não terem procurado fundamentação teórica para auxiliar suas práticas de ensino, eles apresentam domínio sobre vários recursos a serem utilizados em aula para a construção do conhecimento com os seus alunos. Estes recursos e materiais didáticos serão apresentados e discutidos na sessão seguinte.

Escolha dos materiais didáticos e suas aplicações

A escolha dos materiais didáticos é uma importante etapa dentro do processo de ensino e pode influenciar diretamente o desenvolvimento musical do estudante. Quando questionados sobre quais materiais utilizavam em suas aulas, os entrevistados citaram uma ampla variedade, organizados no quadro a seguir:

Quadro 1: Materiais didáticos utilizados

Materiais didáticos	Entrevistado A	Entrevistado B	Entrevistado C
Método ou apostila fornecidos pela escola	Não	Sim	Sim
Métodos ou apostilas de outras escolas com as quais teve contato	Sim	Não	Não
Métodos ou formas de ensinar desenvolvidas por eles próprios	Sim	Sim	Sim
Livros	Não	Sim	Sim
Videoaulas	Não	Não	Sim
<i>YouTube</i> e plataformas de <i>streaming</i>	Sim	Não	Sim
Aplicativos	Sim	Não	Não
Sites de cifras, tablaturas e partituras	Não	Sim	Não
<i>Softwares</i> de gravação	Não	Não	Sim

Fonte: Própria (2019)

Levando em conta a ampla gama de materiais didáticos apontados pelos professores, percebe-se que alguns materiais aparecem na prática de mais de um professor e outros são exclusivos de apenas um entre os entrevistados. O único material didático que todos os três entrevistados alegaram reconhecer em suas próprias práticas foi “métodos ou formas de ensinar desenvolvidas por eles próprios”.

Silva Sá e Leão (2015) trabalham o conceito de método como algo que serve para indicar um caminho, uma série de direções, para que o aprendiz conquiste o objetivo proposto inicialmente. O método indica o que estudar, em que sequência estudar e como estudar, baseado numa experiência prévia do autor e muitas vezes ignorando as experiências prévias do estudante. Reys e Garbosa (2010, p.108) apontam que o termo “método” também é popularmente utilizado para se referir tanto ao objeto livro fornecido pela escola quanto a forma como o professor organiza seus conteúdos e trabalha com seus alunos.

Neste trabalho será utilizado o conceito de método apresentado por Silva Sá e Leão (2015). Com base nessa conceituação, os materiais didáticos confeccionados e ofertados pelas escolas dos entrevistados B e C (a escola do entrevistado A não possui material didático próprio) serão tratados como “apostilas”, pois carecem de explicações detalhadas sobre os assuntos e não estão organizados em uma ordem progressiva de conteúdos. Essas apostilas em ambas as escolas são divididas em níveis de acordo com a complexidade dos conteúdos. Porém, os conteúdos por nível não coincidem em sua totalidade entre as duas instituições, justamente por não existir nenhum órgão de educação que regule as escolas livres.

O Entrevistado B diz usar a apostila fornecida pela escola para trabalhar alguns conteúdos, mas opta por trabalhar outros assuntos utilizando formas alternativas que ele mesmo desenvolveu. Ele também argumenta que alguns conteúdos poderiam ser trabalhados de forma mais progressiva no material fornecido pela escola:

O lance de acordes por exemplo, às vezes você deixa um lance bem básico onde não há uma progressão crescente, o que percebi que é super importante [progressão crescente]. Dependendo do objetivo, a progressão crescente é essencial. Quando tá aprendendo pestana por exemplo, às vezes já colocam um F, e F é difícil de fazer. Quanto menos frustração você propiciar melhor. (Entrevistado B).

Entretanto, quando questionado se gostaria que os assuntos fossem trabalhados de forma mais detalhada na apostila, ele se posiciona de forma contrária por acreditar que isso poderia também prejudicar o desenvolvimento do aluno:

Às vezes colocar um método super detalhado na apostila engessaria a prática de outros professores que não trabalham da mesma forma que eu. [...] não acho a melhor opção, até porque o aluno pode dedicar tempo a uma coisa que o professor não queria que ele se preocupasse ainda. (Entrevistado B).

O Entrevistado C, coproprietário do instituto em que dá aula, utiliza constantemente as apostilas da sua escola. Isso provavelmente se deve ao fato dele estar diretamente ligado à confecção desse material didático, sendo esperado que o conteúdo esteja alinhado às suas práticas como professor. Uma peculiaridade destas apostilas é que elas abordam menos conteúdos por nível do que as apostilas

da escola do Entrevistado B, mas se aprofundam mais nas explicações, como relata o Entrevistado C:

A gente não trabalha escala maior no primeiro nível... por ver que na prática é difícil, assim... isso desmotiva muito, não é prático... né? Então são sete desenhos, três notas por cordas se for aquele modelo, né!? Tem o outro modelo que é o de acordes... então fica muito puxado, aí a gente deixa isso pra quando a pessoa estiver mais preparada, assim, lá no nível dois. (Entrevistado C).

Como a escola em que trabalha o Entrevistado A não possui métodos e apostilas próprios, ele utiliza os materiais didáticos das escolas com as quais ele teve contato ao longo da sua vida como guitarrista e que se tornaram referências para ele. Além disso, ele complementa suas aulas com outros materiais didáticos que ainda serão discutidos neste trabalho.

Parte considerável da forma de ensinar do Entrevistado C está organizada em suas apostilas, mas a sua postura como proprietário da escola evidencia uma liberdade concedida ao professor na escolha dos materiais didáticos e a não obrigatoriedade de adoção das apostilas da escola como material didático: “Cara, na verdade existe o método, que é o guia, mas quem vai decidir é o professor, né!? Então assim, se for eu, eu que vou decidir. O professor André³, é outro professor aqui com a gente, ele decide, ele tem essa autonomia... de... analisar...” (Entrevistado C). Essa liberdade concedida ao professor na escolha do material didático se assemelha ao apontado por Grisi (2011) em entrevista à Garcia (2011b), que analisou a ação do entrevistado como professor na Studio Escola, uma escola livre de música localizada na Paraíba. O entrevistado relata a Garcia que o professor possui a liberdade de adequar “o programa pra cada perfil de aluno. Então, existe um programa, mas a própria escola dá liberdade pra gente [professores], digamos, ‘desobedecer’ a esse programa de acordo com o perfil do aluno” (GARCIA, 2011b, p. 58). Infere-se que essa liberdade também esteja presente na escola em que o Entrevistado B atua como professor, pois, conforme relatado, ele opta por utilizar formas de ensino desenvolvidas por ele próprio para trabalhar determinados assuntos como arpejos, improvisação, escala maior, *bends* e *slide*, as quais ele se refere como sendo seu método. O Entrevistado A também

³ Nome alterado para preservar o anonimato do entrevistado.

alegou ter desenvolvido seu próprio “método” de ensinar, baseando-se em repertórios para auxiliar o aluno a alcançar seus objetivos na aula:

Agora eu e um professor aqui temos essa ideia que é a mesma coisa que eu pensava, que é esse lance de trabalhar repertório e muito em cima disso: repertório e técnica. Poucos alunos, pouquíssimos mesmo, querem saber de uma coisa mais avançada tipo harmonia, “II V”, essas coisas mais... aqui geralmente é isso. (Entrevistado A).

No que se refere a utilização de livros como material didático, o Entrevistado B disse utilizar dois livros para abordar os assuntos de harmonia e teoria: “Se for algo de harmonia eu sempre uso o Ian [Guest], para mim aquele livro é fantástico, super didático, não é difícil de entender. Quando preciso complementar algo de teoria eu escrevo ou Bohumil [Med]” (Entrevistado B).

O Entrevistado C também se utiliza de livros para trabalhar assuntos que ele considerou inviáveis de se aprofundar ao confeccionar as apostilas de sua escola: “Então por exemplo, se a pessoa quer ficar muito boa em leitura, aí eu já indico um método só de leitura [...] com duzentas, trezentas páginas, sabe? Destrinchando o negócio. Não teria como a gente fazer isso num método geral de guitarra” (Entrevistado C). Ele também utiliza videoaulas para complementar sua prática pedagógica, principalmente a *Chop Builder*, do guitarrista *Frank Gambale*, como alternativa aos exercícios de técnica, que podem ser considerados desmotivadores por alguns alunos:

Eu nunca daria aquele exercício de “1, 2, 3, 4”, essas paradas assim, [...] é desmotivante, né? Não tem a questão sonora e eu vi que o Chop Builder tem esse fator assim de ser legal e tal, então... resolve o que eu quero, de lidar com o resultado, e também é mais tranquilo da pessoa fazer. (Entrevistado C).

O *YouTube* e as plataformas de *streaming*, como *Spotify*, *Deezer* e *Itunes Music*, permitem o acesso a grandes catálogos de músicas e vídeos de todo o mundo. O Entrevistado A alegou utilizar o *Deezer* como um importante recurso em suas aulas. Ele cria *playlists* com as músicas que seus alunos desejam aprender para que sirvam de base para o trabalho dos conteúdos que ele achar pertinente que seus alunos dominem. Já o Entrevistado C utiliza o *YouTube* para auxiliar seus alunos a aprenderem músicas sem dependerem do professor. Entretanto, o

Entrevistado C salienta que é necessário que o aluno domine o mínimo para que não se perca e consiga de fato aprender por meio de vídeos. Uma vez aprendida a música, o professor apenas corrigirá alguns detalhes:

No início não, porque se a pessoa não concebeu aí ele não consegue fazer, mas trabalho para muito logo ela começa a tirar sozinha e aí quando ela mostra o resultado pra mim é onde eu venho corrigir os detalhes tipo postura, palheta pra cima, tá travando, dedão... isso, aquilo... ‘vamo (*sic*) treinar agora essa frase que você não tá conseguindo tocar’. (Entrevistado C).

O Entrevistado A utiliza aplicativos de *smartphone* em sua aula. Foi descrito pelo professor a forma como ele utilizou o *iRealpro*⁴ para recuperar a motivação de um aluno que estava considerando abandonar as aulas de guitarra elétrica.

Aí disse pra ele: “bicho, vamos fazer o seguinte? Vamos tocar 10 músicas? 1 música por aula?”. Ele topou. Aí até usei um aplicativo que tenho aqui no celular, o *iRealpro*, que eu uso pra estudar e também para fazer as cifras dos alunos. Então eu fiz um repertório de 10 músicas em 10 aulas e ele animou total. Hoje já está tocando quase 20! (Entrevistado A).

A preocupação com a motivação do aluno apresentada pelo Entrevistado A em seu relato se aproxima da proposta metodológica defendida por Ferreira (2010, p.6): “embora a maior parte do público interessado em guitarra elétrica seja o jovem e o adulto, a metodologia deve ter base numa ludicidade que transforme o ato de aprender num simples jogo no qual as regras, gradativamente, vão tornando-se mais elaboradas”.

O Entrevistado B costuma utilizar sites de cifras, partituras e tablaturas para agilizar o processo de aprendizado de repertório com seus alunos e poder focar em assuntos teóricos que ele julgue mais importantes: “Eu falo que podemos parar para aprender alguma música, mas explico também que ele vai estar perdendo o tempo que ele poderia estar aprendendo alguma coisa” (Entrevistado B). O Entrevistado C afirmou utilizar *softwares* de gravação para o aluno perceber sua evolução com as aulas e também abordar assuntos não apresentados nas apostilas da escola.

⁴ aplicativo em que é possível programar trechos instrumentais de músicas para estudo de improviso.

Eu trabalho gravação também. Então tá aqui o aluno, de forma periódica a gente vai gravando coisas... pra ele mesmo ir percebendo o quanto que ele tá melhorando... [...] então a gente trabalha isso também, sendo que não está no método essa questão de gravação, de áudio, de timbre, né? Mas eu trabalho assim... de um aspecto geral, né? (Entrevistado C).

A variedade de materiais didáticos apontada pelos entrevistados evidencia uma grande preocupação que estes profissionais aparentam ter em relação ao processo de aprendizagem dos seus alunos, levando-os a adaptar vários recursos tecnológicos e a desenvolver suas próprias estratégias de ensino para aplicar em sua aula.

Considerações finais

Ao dar início a pesquisa, esperava-se encontrar resultados que apontassem para uma maior semelhança entre as práticas dos professores e materiais didáticos utilizados por eles. Entretanto, foi possível perceber uma grande variedade nessas práticas e também nos recursos trazidos para a sala de aula, orientados por uma constante busca em atender interesses e expectativas dos alunos. Uma vez que as aulas ministradas pelos entrevistados são individuais e construídas sobre um pilar de confiança estabelecido entre professor e aluno, é natural que a prática em sala de aula seja personalizada para atender as expectativas do aprendiz.

As escolas em que os entrevistados B e C trabalham possuem material didático próprio organizado em forma de apostilas que abrangem diversos conteúdos como escalas, arpejos e exercícios de técnica. Porém, os professores alegaram que eles se utilizam de outros materiais didáticos quando julgarem necessário, pois nenhuma das duas escolas exigem que suas apostilas sejam utilizadas em aula. A escola do entrevistado A não fornece nenhum material, o que o leva a reutilizar materiais de outras escolas que ele teve contato ao longo dos seus anos de estudo do instrumento. Assim como os entrevistados B e C, o Entrevistado A também desenvolveu suas próprias estratégias para ensinar determinados conteúdos relacionados ao instrumento.

Além dos materiais didáticos citados nos parágrafos anteriores, os professores que participaram da pesquisa também utilizam livros, videoaulas, *YouTube* e plataformas de *streaming*, aplicativos, *softwares* de gravação e sites de

cifras, tablaturas e partituras. Estes recursos são utilizados com o intuito de complementar ou substituir explicações das apostilas fornecidas pelas escolas e tornar o aprendizado mais rápido e prazeroso. Os materiais didáticos são selecionados de acordo com as estratégias de ensino do professor e dos objetivos almejados pelo aluno e adaptados sempre que necessário para melhor contemplar as especificidades de cada estudante.

Além das respostas para as questões de pesquisa, algumas outras constatações chamaram a atenção no momento de análise das entrevistas. Os professores aparentaram ter grande preocupação com a formação musical dos seus alunos e como auxiliá-los para que conquistem seus objetivos da forma mais rápida e completa possível. Suas estratégias de ensino são construídas por meio da vivência como aluno e prática como professor, levando-os a um processo de reflexão, tentativas, erros e acertos que resultam em uma consolidação de suas estratégias de ensino. Isso resulta em uma grande pluralidade de práticas de ensino que se devidamente registradas ou compartilhadas poderiam ajudar outros professores a se aperfeiçoarem dentro do processo de ensino. Portanto, algumas ações como a criação de comunidades de professores de guitarra elétrica poderiam vir a contribuir consideravelmente para o aprimoramento da prática pedagógica desses educadores. Com a popularização dos *smartphones* e serviços de internet, esses grupos poderiam funcionar até mesmo *online*, sem a obrigatoriedade de encontros presenciais para discutir o assunto.

Outro fator que poderia contribuir para aprimorar a prática docente dos entrevistados seria uma maior preocupação sobre a própria formação pedagógica. Os professores afirmaram ter procurado métodos para aprimorarem suas qualidades como guitarristas, mas o mesmo também pode ser feito para aprimorar ainda mais suas qualidades como professores. Existe uma ampla variedade de métodos disponíveis na Internet e em livrarias especializadas. De forma mais abrangente, existem vários estudos e pesquisas em educação musical e pedagogia que poderiam auxiliar suas práticas como professores.

Essa pouca importância dada à pesquisa por materiais para aprimoramento das práticas de ensino provavelmente deve-se mais a um desconhecimento do quanto esse tipo de estudo pode contribuir com suas estratégias de ensino do que a um desinteresse em se aperfeiçoar como professor, uma vez que, conforme

relatado neste trabalho, os entrevistados estão constantemente em busca da melhor forma de compartilhar seus conhecimentos, muitas vezes inovando no uso de materiais didáticos e reestruturando suas aulas para melhor atender aos anseios dos seus alunos.

Referências

FERREIRA, Saulo. Propostas metodológicas para o ensino de guitarra aplicado à música popular. In: SIMPÓSIO SERGIPANO DE PESQUISA E ENSINO EM MÚSICA, 2., 2010, Aracaju. *Anais...* Aracaju: SISPEM, 2010, p. 35-43

GARCIA, Marcos da Rosa. Ensino e aprendizagem de guitarra elétrica na atualidade. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: ABEM, 2011a. Disponível em: < https://www.academia.edu/2338145/Ensino_e_aprendizagem_de_guitarra_elétrica_na_atualidade>. Acesso em: 29 mai. 2019.

GARCIA, Marcos da Rosa. *Ensino e aprendizagem de guitarra em espaços músico-educacionais diversos de João Pessoa*. 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011b.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEÃO, Djair Pessoa. *Um panorama do ensino particular da guitarra elétrica na cidade de Natal-RN*. 2014. 56 f. Monografia (Graduação em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014

MÓDOLO, Thiago Grando; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Ensino e aprendizagem da guitarra elétrica: uma breve revisão da literatura. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21., 2013, Pirenópolis, *Anais...* Pirenópolis: ABEM, 2013, p. 987-998

PAIXÃO, João Jorge dos Anjos. *O ensino de improvisação em aulas de guitarra na perspectiva dos alunos*. 2016. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

REQUIÃO, Luciana. Escolas de música alternativas e aulas particulares: uma opção para a formação profissional do músico. *Cadernos do Colóquio*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 98-108, 2001.

REYS, Maria Cristiane Deltregia; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Reflexões sobre o termo “método”: um estudo a partir de revisão bibliográfica e do método para violoncelo de Michel Corrette (1741). *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 18, n. 24, p. 107-116, 2010.

ROCHA, Marcel Eduardo Leal. *A tecnologia como meio expressivo do guitarrista atuante no mercado musical pop*. 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA SÁ, Fábio Amaral da; LEÃO, Eliane. Materiais didáticos para o ensino coletivo de violão: questionamentos sobre métodos. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 15, n. 2, 2015, p. 176 191, 2015.